

A memória e a cidade:

Rio de Janeiro uma cidade em processo

Memory and the city: Rio de Janeiro, a city in process

Elis Crokidakis

Mestre em Letras pela UFRJ e Doutora em Letras pela mesma instituição. Pós Doutora em Literatura Brasileira pela UFRJ e cursando Pós-doutoramento em Cinema no PPG Cine da UFF- "Cidades reais e cidades imaginárias"

eliscrokidakis@yahoo.it

RESUMO: A partir da história e memória da cidade do Rio de Janeiro, busca-se mostrar que a cidade nunca finda sua construção, permanecendo ao longo dos séculos, desde sua criação, em um processo de transformação para o futuro. Com base na história, e em diversos autores, o texto mergulha em algumas teorias da cidade, mostrando como ela e seus habitantes elaboram as suas relações na construção do seu espaço, entendido este como a união da paisagem e das pessoas que ali vivem.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Memória; História.

ABSTRACT: Based on the history and memory of the city of Rio de Janeiro, the text seeks to show that the city never ends its construction and remains throughout the centuries, since its creation, in a process of transformation for the future. Based on history and various authors, the text delves into some theories of the city, showing how the city and its inhabitants develop their relationships in the construction of their space, understood as the union of the landscape and the people who live there.

KEYWORDS: City, Memory, History.

Introdução

O que é a memória de uma cidade? Esta pergunta surge junto com muitas outras com as quais iniciamos este ensaio, que traz uma espécie de síntese histórica do processo de construção e reconstrução da cidade do Rio de Janeiro e da sua memória. Teceremos algumas relações que terão como inspiração os livros *Cidades Invisíveis*, *Seduzidos pela memória*, *A alma encantadora das ruas*, *Por amor às cidades*, *Fins de Século-cidade e cultura no Rio de Janeiro*, *Sobre a modernidade*, *Pereira Passos um Haussmann tropical*, *Paris capital do século XIX* e muitos outros que insistem em reaparecer de tempos em tempos nas bibliografias dos que falam sobre as cidades.

A história

Se os estudos da memória começam a ter relevo, principalmente na Europa e Estados Unidos, no começo da década de 1980, nos países que foram colônias, esses estudos iniciaram um pouco antes, em 1960, todavia em processos diferentes de constituição de um discurso. Isso porque, nos países descolonizados, os estudos de memória correm numa “busca por histórias alternativas e revisionistas” (Huyssen, 2000, p.10), enquanto na Europa esse movimento se estabelece ocasionado pelo debate que ressurgiu em torno do Holocausto.

Com essas temáticas são então criados documentários para TV, filmes, livros, museus e monumentos, todos com o mesmo fim, não deixar que o mundo se esqueça das atrocidades cometidas, da vida que já existiu e da história que se necessita rever. Sabemos que vários são os holocaustos da história, e mesmo depois de tanto tempo continuamos nesse processo, exemplo disso temos a Sérvia, a África, talvez a Síria e hoje a Palestina.

Mas para nós aqui o que interessa nesse momento é pensarmos a memória na América Latina, especialmente no Brasil e no Rio de Janeiro.

Importa vermos como a cidade é vista através de sua memória, que aparece nas mais variadas formas de expressão e porquê este fenômeno se dá de tempos em tempos através da literatura, do cinema, por eventos, exposições etc. Vale ressaltar, no entanto, que, ao pensarmos a cidade neste ensaio, não excluimos o fato de ela não ser constituída de forma homogênea como um projeto de Estado. Pelo contrário, a cidade, para nós, é o espaço fruto da junção entre a paisagem e as pessoas que nela vivem, que também observarão a cidade de acordo com a sua forma de ver e que influenciarão e serão influenciados pela cidade. Este espaço não é apenas um lugar físico, com seu patrimônio, mas também um espaço de interação e transformação. Os objetos (como casas, estradas, máquinas) e as ações (como a produção, o consumo, a comunicação) moldam e são moldados pelo espaço no entender de Milton Santos. Ou seja, não há uma ideia de cidade homogênea, como tampouco há uma única teoria que dê conta da cidade, por isso seu estudo é interdisciplinar como ela própria o é.

O Rio de Janeiro foi fundado no ano de 1565 por Estácio de Sá, com o nome de São Sebastião do Rio de Janeiro, em homenagem ao então Rei de Portugal, D. Sebastião. Em 1763, a cidade tornou-se a sede das decisões do Brasil e se manteve assim até 1960, quando foi inaugurada Brasília, a atual capital do país. Desde então, o Rio vive sua existência como um verdadeiro processo.

Mesmo não sendo o Brasil descoberto pelo Rio de Janeiro, foi aqui, desde 1730, que as decisões do país passaram a ser tomadas, o que se intensificou com a chegada da Família Real em 1808. Sem nos aprofundarmos nesse tema da transferência do polo de decisões para o Rio, não podemos deixar de dizer que muitos foram os fatores que culminaram na mudança. O primeiro fator era a aproximação com Minas Gerais, onde havia sido descoberto ouro; localizar a capital aqui facilitaria o escoamento e o controle tributário no comércio da matéria-prima valiosa. O local da cidade também facilitava a proteção contra invasões de outros países interessados, e ainda dois outros fatores incidiram na

questão: o tráfico negreiro, pois o Rio de Janeiro era um dos principais portos de chegada de negros escravizados ao Brasil e finalmente a localização estratégica perto do sul do país para proteger as fronteiras das invasões espanholas.

Logo, cercada de morros por todos os lados, com uma faixa de terra que a encrava no fundo de uma baía, como uma boca banguela, como falou Lévi-Strauss, a cidade desde aquele tempo vive se reconstruindo. Passa por períodos de decadência e outros de revitalização, olhando para o ontem e para o amanhã.

Em 1808, a cidade recebeu a Família Real e sua corte. Seus habitantes, então, foram deslocados para dar lugar aos nobres. Depois, o Rei se mudou para São Cristóvão, e o bairro se desenvolveu, pois em torno do palácio toda a elite queria morar. Até que toda a corte estivesse alojada, muita coisa aconteceu. Se lermos a literatura da época, veremos que de 1800 até 1900 a cidade foi se descortinando, transformando-se, expandindo-se e sendo alvo de muitas narrativas que têm no seu espaço o cenário ideal.

O começo foi no centro histórico, ainda hoje um pouco preservado. Ali se concentrava a maior parte da população, pelos lados do porto da Praça Mauá até a Praça XV e desta até o morro de Santa Teresa. Com o passar do tempo, as áreas habitadas iam tomando outras direções e já no século XX se estendiam de acordo com as concessões de bonde que eram dadas pelo poder público. Ou seja, desde o fim do século XIX o espaço urbano começa a sofrer fortes alterações, que visavam não apenas ao embelezamento, mas tinham como propósito colocar a cidade como uma janela para o mundo, o que é feito pelo prefeito Pereira Passos (1902-1906), o Hausmann tropical, como diz Jaime Larry Benchimol.

O prefeito Pereira Passos havia estudado em Paris e vivido toda a transformação da cidade francesa, e ali foi influenciado, trazendo para o

Rio os novos conceitos do urbanismo. Assim, para a exposição de 1910, o Rio se embeleza à luz dos modelos parisienses. Vários autores descrevem as mudanças: João do Rio, Luiz Edmundo, Lima Barreto, Benjamim Costallat e outros, que são os cronistas do Rio e percorrem a cidade com suas mais variadas formas de narrar seu espaço e sua gente. Ruas, prédios, palácios, teatros, toda a cidade cresce junto com as concessões de linhas de bondes que eram dadas, e ela se expandia para o sul, para o norte, para o oeste.

Se Ítalo Calvino, no seu *Cidades Invisíveis*, afirma que “a cidade não é feita apenas de seu espaço físico, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos de seu passado” (1991, p.14), também poderíamos dizer que a cidade do Rio de Janeiro vive da construção de seu futuro e das lembranças de seu passado. E é exatamente isso que ocorreu e ainda hoje ocorre, pois, junto com a expansão espacial de cada época, vinha também a populacional. Como mais gente precisava habitar e o espaço do centro era pequeno, a população mais pobre começou a tomar conta dos morros do centro, surgem ali as primeiras favelas cuja história já é conhecida.

Todavia, não para no início do século XX a reforma. Olhando para frente, para o futuro, novas avenidas são abertas na década de 40, 50 e 60, e a cidade colonial sofre suas maiores baixas. Para abrir a Avenida Presidente Vargas, muitas casas e igrejas são demolidas, mais uma vez a cidade se reconfigura. Ela já tinha perdido o Morro do Castelo, e já tinha um caminho de mar a mar, da Praça Mauá ao Aterro do Flamengo, a Avenida Rio Branco, antes Avenida Central, que desembocava na Cinelândia, coração da cidade. Tal avenida era uma espécie de canal para o vento, que visava arejar a cidade, uma desculpa usada pelos construtores. A verdadeira história remete ao desejo governamental de retirar do Castelo a população pobre, ex-escravizados, que habitavam o lugar.

O processo de expansão não parou por aí, continuou tomando corpo por todo o século XX. Na década de 1970, quando a população já era enorme

e necessitava se locomover, surgem os grandes viadutos e o metrô. Logo, outra planta se configura com mais um “bota abaixo” de palácios, prédios e mudanças de ruas e trajetos. E no início do século XXI, vivemos mais um momento de reformas visando à Copa do Mundo de Futebol em 2014 e às Olimpíadas de 2016, e hoje, em 2025, permanecemos em transformação com novos espaços sendo criados. O foco parece ter saído da zona sul, onde tudo já foi feito, e se volta para a área norte e partes do centro. A palavra do momento é gentrificação do centro. No que isso implica, a população ainda não sabe, mas nosso foco aqui é outro.

A memória

Um homem quando morre deixa seu legado material ou imaterial, as obras que criou, os filhos que teve etc., mas uma cidade, quando destruída, não é somente a história de um homem que se perde, é a de toda uma sociedade com toda a sua complexidade, sua memória. Podemos dizer que, uma vez destruídas, as cidades jamais voltaram ao que eram antes. Novas camadas de história se juntam àquelas que ali estavam e a elas as histórias de seus habitantes, formando uma nova memória, perdendo aquela que seria a sua primeira aura. Entendemos que a memória é de fato uma construção primeiro coletiva, para depois ser individual. Assim, uma cidade pode ser reconstruída, mas não será a mesma. Nesse sentido é que a fotografia, o cinema e a literatura poderão ser também importantes. O imediatismo da filmagem, da fotografia, independentemente de sua natureza, pode ser então uma parte do patrimônio e da memória coletiva de uma cidade, todavia uma memória em processo de constante transformação e superposição. Nos filmes, esse processo pode ser evidenciado mais que em qualquer outro lugar, parecendo que o cinema foi criado com a finalidade de exibir a cidade, mesmo que seja recriando-a.

Ao observarmos a constituição de uma linguagem, na literatura, antes do

cinema, por exemplo, era preciso que o escritor olhasse, sintetizasse o que olhava, elaborasse e depois transcrevesse a imagem do que viu e viveu, mesmo que às vezes a recriasse. Podemos dizer de uma equação que envolve a memória coletiva da cidade e a memória individual criada a partir daquela é que no resultado final pode gerar uma outra cidade, nem sempre identificada por quem lê a imagem criada. Nesse processo de desrealização da realidade, transformando-a em texto, para depois de novo pelo leitor ser realizada em imagem, perde-se muita coisa, ou se mostra o que se quer de acordo com o foco que se deseja dar, pois que a forma de escrever sempre estará repleta da emoção do escritor, do poeta, daquele olhar dele sobre a cidade. Isto é, pode ser que a memória pessoal se confunda com a da cidade, e a cidade narrada terá uma característica mais pessoal, em que sua alma talvez se misture com a do escritor ou poeta.

Por outro lado, as imagens construídas pelo cineasta num *travelling* pela cidade, ou pelas câmeras de uma patrulha do *Google street view*, certamente não possuirão a mesma subjetividade de construção da imagem escrita. Ou seja, embora a direção da câmera seja dada pelo corpo de quem filma, ela como um olho mecânico pode filmar o que o cineasta não quis. O que ocorre também na falta de subjetividade da patrulha e do satélite. Nesses dois últimos, podemos dizer que o controle é muito menor do que o exercido pelo escritor na sua narrativa. Assim, na filmagem da cidade podemos dizer que a ingerência do cineasta é bem menor pois ele determina o que será e onde será filmado, no entanto, se não lidamos com a representação, o que virá talvez seja mesmo a vida da cidade que não escapa ao olho da câmera.

Assim, partindo do sintético relato histórico do Rio de Janeiro, da ideia de memória e da construção da linguagem, percebemos que mesmo sendo ela uma cidade muito fotografada, sendo tais fotos parte de um registro histórico, é muito difícil para o carioca cultivar a memória de sua cidade, especialmente a memória de sua paisagem. Isto se verifica,

principalmente, quando a cidade mais uma vez foi transformada para os dois grandes eventos em 2014 e 2016. Podemos dizer que, ao contrário das cidades que crescem com o foco em seus habitantes, na melhoria de vida e padrão destes, o Rio de Janeiro se organiza e se estrutura para o que vem de fora, para as pessoas que apenas passam e não para as que ficam. Todas as transformações, desde a abertura da Avenida Central, em 1910, até hoje, visavam sempre à utilização da cidade pelo turista, e não pelo morador. Por isso a sensação, muitas vezes, é de que a cidade não pertence ao morador. A identificação do morador com o bem público não existe e por não se sentir de fato no seu espaço este não tem o cuidado que deveria com a cidade. Dessa forma, seguindo a ideia de Huyssen ao falar sobre Berlim, podemos dizer que a política urbana que se executa no Rio de Janeiro é dos

empreendedores e políticos que tentam aumentar a receita com o turismo de massa, convenções e aluguéis de espaços comerciais. O que é central para esse novo tipo de política urbana são os espaços estéticos para o consumo cultural, megastores e megaeventos musicais, festivais e espetáculos de todo tipo, todos tentando atrair novos tipos de turista - desde o visitante de feriado até o incansável caminhador metropolitano, que vieram substituir o velho modelo do ocioso *flâneur*. (Huyssen, 2000, p. 91)

Ora, para exemplificar isso, basta vermos a criação do Porto Maravilha, a derrubada da Perimetral, a revitalização da Lapa e toda a mudança que a cidade sofreu para abrigar a Olimpíada de 2016. Como já dissemos, a cidade se transforma, mas não para o morador, que de certa forma permanecerá alijado de tudo que acontecerá nesse evento. Assim a reforma causa transtornos, modifica a vida de quem no Rio vive e o que deixará para este morador é muito pouco, já que ele não é o foco da reforma.

Por conta disso, o espaço público aqui não se confunde com o privado. Daí o alto índice de depredação do patrimônio público. Por outro lado, o poder público também não parece se comprometer imediatamente com a restauração e fiscalização do que é estragado, exceto se o objeto estragado estiver na passagem do turista (vide as inúmeras reposições dos óculos de Carlos Drummond de Andrade), isto porque a cidade parece que se maquia para receber o turista. Basta percebermos os painéis colocados ao lado da Linha Vermelha que liga o aeroporto ao centro do Rio. Todo esse processo de maquiagem, então, não restaura, ou cria no morador um sentimento de pertencimento, que o faria cuidar da cidade, pelo contrário, o morador se sente um estrangeiro em sua própria cidade, deixando ainda mais de se identificar com ela, permitindo até a sua destruição.

Por isso, a cidade da memória nem sempre é aquela em que efetivamente vivemos e vemos. Nossa memória pode estar mais ligada a uma imagem que alguém faz da cidade do que à própria cidade, que constantemente é violentada e transformada pelos seus moradores ou outros interessados. Podemos dizer que em nossa mente, para criarmos as noções de cidade, nós misturamos espaços reais e imaginários. E é nessa ânsia de criarmos as nossas cidades mentais que a metáfora da cidade como texto se desenvolve.

Huyssen (2000, p. 93), ao falar de Berlim diz: “A cidade-texto tem sido escrita, apagada e reescrita ao longo deste século violento, e sua legitimidade se deve tanto mais às marcas visíveis do espaço construído quanto às imagens e memórias reprimidas e rompidas pelos eventos traumáticos”. Tal afirmativa se aplica então como luva ao Rio de Janeiro. Existe um Rio de textos e imagens de fotografia e um Rio real onde se vive. Ou seja, igual ao que aconteceu no início do século XX, o Rio se organiza e se reforma para ser a capital do século XXI, de novo a janela para o mundo, aproveitando o bom momento brasileiro de 2003 a 2016. Momento em que todos os olhares do mundo se focam aqui, no cartão-postal do Brasil. A ideia de cidade como cartão-postal não é nova, remonta à *Belle époque* de

Pereira Passos com suas reformas e as de Oswaldo Cruz com sua política de saneamento. Ambos num esforço conjunto para colocar o Rio com suas janelas abertas para o que vem de fora, ontem e hoje, aos olhos do turista. Assim, tudo para inglês ver, pois nesse processo nem mesmo o *Flâneur* tem lugar, já que este “mesmo sendo um *outsider* em sua própria cidade, sempre figurou como um habitante, em vez de um viajante sempre em movimento” (Huyssen, 2000, p. 91).

Então, por ser um lugar para observação de quem está de passagem, esta cidade acaba não dando espaço e nem tempo para a contemplação. Não há como parar nesse contexto, o que remete à metáfora utilizada por Nestor Garcia Canclini, de cidade como videoclipe. Neste clipe, com a velocidade, as imagens não são captadas pela mente humana para serem devidamente digeridas. No Rio de Janeiro de reformas, o mesmo acontece. E mesmo o que era para ficar de pé, como os prédios tombados pelo patrimônio histórico, correm o risco de não suportar a segunda passagem do turista. Isto porque são expostos à sua própria sorte, sem que haja uma recuperação de telhados, fachadas etc. Diz Beatriz Jaguaribe: “na cidade como videoclipe a velocidade e a acumulação desbaratada de imagens inibem a pausa do congelamento da sedimentação da própria imagem” (1998, p. 168).

Ou seja, conforme Lévi-Strauss, citado também por Jaguaribe, as cidades do Novo Mundo saem do “viço à decrepitude”, são construídas para serem renovadas com a mesma rapidez com que foram erguidas, construídas para durarem o tempo do evento, terminado este, a construção fica sem utilidade, às vezes um elefante branco em meio à cidade. “Quando a festa termina e esses grandes bibelôs fenecem: as fachadas descascam, a chuva e a fuligem traçam seus sulcos, o estilo sai de moda, o ordenamento primitivo desaparece sob as demolições exigidas, ao lado, por outra impaciência” (Lévi-Strauss, 1996, p. 919.).

Logo, o Rio de Janeiro, no contexto do Novo Mundo, é mais uma cidade que

sofre os sintomas da mesma doença, a falta de um pensamento de planejamento para o futuro do cidadão, que seja com este discutido, e não seja apenas um plano para o turista. Isto porque, em detrimento da cidade feita para o turista, existe aquela que nasce fugindo do planejamento do estado, dos planos de urbanização, esta é a cidade onde o poder público passa ao largo, são os lugares que sequer são visitados pelos responsáveis pelos serviços públicos. Nestes lugares, a organização é alheia a uma vontade estatal.

Assim, nas reformas hoje implementadas de fato não se revela um desejo de construção de um espaço citadino harmônico. Pelo contrário, as medidas de urbanismo que foram tomadas tinham recentemente um objetivo fixo, Copa do Mundo e Olimpíada. Mesmo as questões que ultrapassam a mobilidade dentro da cidade, por exemplo, a da segurança pública, hoje, no Rio, têm o mesmo foco de interesse.

Se palácios foram construídos para a exposição de 1910 e depois demolidos sem qualquer aproveitamento histórico para dar lugar apenas ao vazio, hoje não é diferente, pois são imensas as necessidades de criar estacionamentos para carros. Este vazio criado, então, somente será preenchido pela memória dos que viram o que havia antes. Não digo com isto que tudo deveria ser preservado, num processo de musealização da cidade. Sem dúvida, a importância da musealização é grande e deve ser respeitada, todavia há que se examinar caso a caso, mas no que toca ao Rio de Janeiro não podemos dizer que este processo exista.

O que ocorre no Rio de Janeiro é que, com o processo de tombamento de bens, prédios etc., há uma desvalorização do imóvel, com isso, ele não consegue ser vendido, muito menos restaurado, o que leva a sua completa decadência e queda, restando o espaço vazio. Isso ocorre também com bens móveis como o famoso Bonde de Santa Teresa, que é levado à exaustão, dando ocasião a uma tragédia por falta de uma política que o preserve, adequando-o ao desenvolvimento da cidade.

Hoje, temos na cidade várias obras, lugares antes abandonados durante anos que começam a reviver, todavia sem que a atenção adequada seja dada, já que o fluxo de pessoas e eventos aumenta, mas as condições físicas para isso não se dão, o que ocasiona uma deterioração ainda maior do espaço, dos bens arquitetônicos, que não foram preparados para receber tal contingente humano e nem mesmo para sofrer o impacto do peso do excesso de carros e caminhões pelas ruas.

Todo esse processo é de extrema complexidade, já que avaliar o que pode ou não ser desmontado necessita de um critério muito claro de valoração. Destruir o patrimônio histórico de uma cidade, seus prédios, ruas, monumentos, implica em se ter um planejamento que justifique o desaparecimento de algo que faz parte da história da cidade, de sua memória. Sabemos que nenhuma cidade é eterna, que elas devem ir cambiando de acordo com sua vida, todavia esse cambiar não é algo que deva ser imposto por uma política de interesses econômicos que alijam a participação do cidadão que ali vive.

Pensar a cidade e suas transformações é algo que faz parte da política, da vida na pólis, e é motivo mais que justo para a solidificação da cidadania. A cidade criada para o turista atende apenas aos interesses de quem está de passagem e não de quem ali vive. Amar a cidade, senti-la, usufruir da sua beleza e harmonia é algo que deve ser conferido primeiro ao morador e só depois ao passante.

Ao morador caberia a mais precisa memória da cidade, pois ele teve tempo para contemplá-la para construir ali suas memórias naquele espaço. No entanto, em nossa história, não cabe este tal relato, mas ao viajante, ao turista. Assim, a cidade se memorializa pelo olhar de fora e não pelo de dentro. O olhar apressado do outro é que constitui o discurso de memória do Rio: fotos, textos, filmes, narrativas de toda espécie de construção, que nem sempre dizem o que de fato é a cidade.

Dessa forma, talvez hoje sejamos uma cidade cuja memória seja frágil, ou não exista, e sem memória descartamos o passado em busca de um futuro em processo o tempo todo.

Considerações finais

Ao longo deste ensaio, mostramos um sintético relato histórico das transformações da cidade do Rio de Janeiro, especialmente a partir do século XIX até o século XX, ou seja, dois séculos nos quais a cidade vem sendo palco para as mais variadas reformas, que são da própria essência das cidades em suas vidas, quando as camadas de existência vão se sobrepondo na paisagem e são também da vontade de quem lá vive ou governa. No Rio de Janeiro, o que constatamos é que as transformações são muito mais do campo de interesses outros, que não os dos verdadeiros moradores. Por isso, o que se percebe é que a cada dia o carioca se identifica menos com sua cidade e isso se reflete na maneira como ele cuida dela, a vivência, a protege de vandalismo, de lixo e outras coisas que acabam virando problemas na vida diária. Ainda buscamos apontar como a criação de uma memória da cidade é importante para que o sujeito que ali vive se sinta pertencente àquele lugar, pois só assim se cria o laço real entre o sujeito e sua paisagem.

Por fim, o que desejamos foi mostrar como todas essas questões abordadas, é que cultivar a memória da cidade (que varia de acordo com a experiência social no espaço) e também o seu patrimônio histórico, de fato, é um desafio, tanto para a população quanto para os governantes. E entendemos que talvez uma parceria entre esses dois grupos ajudasse, mas enquanto isso não existe, vamos apagando e recriando memórias e espaços no Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

BECHIMOL, J. L. **Pereira Passos: um Haussmann tropical**. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992.

BENJAMIM, Walter. "Paris capital do século XIX". In: **Walter Benjamim-Obras escolhidas III**. São Paulo: editora brasiliense, 1994.

CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2008.

HUYSEN, Andrea. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JAGUARIBE, Beatriz. **Fins de Século-cidade e cultura no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**, São Paulo: Editora Unesp, 1998.

LEVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIO, João. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2007.